

## MEMÓRIA PPGA

Ney Gomes

Denise certa vez disse: “O mundo precisa de bons contadores de histórias, alguns deles podem ser arqueólogos” (Schaan 2009). Ela disse isso quando refletia sobre suas incursões no Marajó, campo de seu doutorado, uma referência ímpar para a história daquela região. Ela mesma foi uma ótima contadora de histórias... deu-se a contar muitas, seja as de homens e mulheres que viveram e moldaram paisagens no Marajó em tempos imemoriais, como também investigando os vestígios deixados por povos que habitaram as regiões de Santarém, de Carajás ou a partir dos monumentais Geoglifos no Acre, sempre em busca de contar histórias. Penso que este, “acreditar que o mundo precisa de bons contadores de histórias” a fez professora e a motivou rumo à formação de “contadores de histórias”, alguns, por certo, arqueólogos. De fato, Denise formou antropólogos arqueólogos que hoje trabalham no Acre, no Amazonas, no Amapá, no Pará, em Minas e em outras regiões do Brasil. Quando eu a encontrar novamente, terei o prazer de dizer que há muitos bons contadores de histórias, antropólogos arqueólogos, que aprenderam com ela como o fazer.

Denise Schaan sempre foi uma entusiasta das novidades, de modo que, ao compartilhar com ela a ideia de editarmos um periódico discente, seu suporte foi imediato. Acho que a ideia de “bons contadores de histórias” continuava lá. Para o primeiro número do informativo, que foi a gênese do *Caderno 4 Campos*, pedimos que ela nos contasse sobre o nascimento do PPGA na UFPA; sua presteza, mesmo habitual para quem convivia com ela, nos surpreendeu, pois no dia seguinte ao pedido, o texto já estava em nossa tela. Nesta edição nós o republicamos, seja porque ele já faz parte da história, posto que foi o último texto que a professora Denise escreveu para o programa, seja porque com ele o suporte de uma das fundadoras do PPGA nos abraça com força e sensibilidade.

## MEMÓRIAS DA CRIAÇÃO DO PPGA

Denise Schaan<sup>1</sup>

Entrei na universidade em 2006, como professora do departamento de Antropologia. Devido à minha formação como arqueóloga, almejava criar na universidade um curso de arqueologia, pois não havia, na época, nenhum curso do tipo na região norte. A enorme carência na área de formação de recursos humanos em Arqueologia na Amazônia começou a ser enfrentada através da criação de um *Curso de Pós-Graduação Lato Sensu* na UFPA em 2007, coordenado por mim e pela professora Jane Beltrão (vice coordenadora). A abertura das inscrições atraiu 82 interessados, tendo sido escolhidos 24 candidatos pelo processo seletivo. Essa turma se formou em outubro de 2008, tendo sido defendidas 18 monografias de conclusão de curso, versando sobre temas que incluíam Arqueologia indígena, Arqueologia colonial, patrimônio cultural, bioarqueologia, memória, turismo arqueológico e a relação entre comunidades e sítios arqueológicos. As disciplinas do curso foram ministradas tanto por professores da UFPA como por professores do Museu Goeldi e da Universidade Católica de Goiás.

Ao mesmo tempo em que se “gestava” a especialização, se formava o Núcleo de Pesquisa e Ensino em Arqueologia (NPEA), dentro do Laboratório de Antropologia *Arthur Napoleão Figueiredo*. O núcleo congregava professores de arqueologia, profissionais formados na instituição, alunos de iniciação científica, estagiários e voluntários que participavam ocasionalmente de escavações arqueológicas e projetos diversos. Em 2008 o NPEA ganhou um laboratório equipado para a análise de artefatos e triagem de material proveniente de escavações e doações.

Mas não apenas a Arqueologia vinha se ajustando às demandas da Amazônia. Professores que faziam parte do Grupo Interdisciplinar de Bioantropologia, no passado participavam da disciplina Antropologia Física, que era oferecida inicialmente no Laboratório de Antropologia *Arthur Napoleão Figueiredo* da UFPA (LAANF), depois passou ao então Centro de Ciências Biológicas, sendo oferecida durante muitos anos aos alunos da universidade. O grupo se estruturou, em 1993, a partir do *Congresso da Associação Latino Americana de Antropologia Biológica*,

---

<sup>1</sup> Uma das fundadoras do PPGA-UFPA, era Ph.D. em Antropologia Social (Arqueologia) pela Universidade de Pittsburgh (2004). Realizou estágio pós-doutoral junto ao PPGAS-Museu Nacional do Rio de Janeiro, sob a supervisão de Antonio Carlos de Souza Lima. Era Professora Associada I da Universidade Federal do Pará (Instituto de Filosofia e Ciências Humanas), e professora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (com áreas de concentração em Arqueologia, Antropologia Socio-Cultural e Bioantropologia). Lecionava cursos também na Faculdade de Artes Visuais, na graduação em Cinema e Audiovisual. Dedicava-se à pesquisa antropológica na Amazônia, atuando principalmente nas seguintes áreas: sociedades complexas, ecologia histórica, arqueologia da paisagem, antropologia sonora e visual, etnografia audiovisual, gênero, patrimônio cultural e arte. Desenvolveu projeto de pesquisa com geoglifos no Acre e em etnografia audiovisual. Trabalhava na produção de filmes documentais e roteiros para audiovisual. Era membro da Associação Brasileira de Antropologia-ABA, membro da Sociedade de Arqueologia Brasileira e membro de SALSA-Society for the Anthropology of Lowland South America.

quando o Dr. Adauto Araújo e a Dra. Sheila Mendonça Ferraz de Souza, ambos da FIOCRUZ, fizeram contato com o Dr. Sidney Santos e a Dra. Ândrea Kely Campos Ribeiro dos Santos, na época alunos de doutorado da Universidade do Estado de São Paulo (USP), para a realização de trabalho colaborativo na investigação interdisciplinar, envolvendo conhecimentos das diferentes áreas da Antropologia, da Bioarqueologia e da Genética. Posteriormente, os profissionais passaram a constituir Grupo Interdisciplinar atuante na área e, como consequência, uma série de trabalhos foram surgindo com base na investigação Paleopatológica e Paleogenética em diferentes sítios brasileiros como: Lagoa Santa, Maracá, Marajó, Furna do Estrago entre outros, no Brasil; assim como, fora do país, em San Pedro de Atacama, Chile.

Em 2004, o grupo de Genética Humana e Médica da UFPA foi chamado a participar da elaboração do *Curso de Especialização em Genética Forense*, na UFPA, destinado a peritos criminais e legistas de Institutos de Perícias Técnico-Científicas do país. O curso, pela abrangência e proposta política, voltou-se à colaboração com a Antropologia Social, especialmente pela exigência de tratar Direitos Humanos. Em face da demanda, houve estreita colaboração entre a Genética Humana e Médica e a Antropologia Social na UFPA, o que ampliou o raio de ação das pesquisas.

Em 2007, após alguns anos de discussões informais entre os docentes do Laboratório de Antropologia *Arthur Napoleão Figueiredo* da UFPA (LAANF) e do Laboratório de Estudos Bioantropológicos em Saúde e Meio Ambiente, do Museu Nacional/UFRJ, iniciaram-se dois projetos interdisciplinares de pesquisa envolvendo Bioantropologia e Antropologia Social, coordenados pelos Profs. Dr. Hilton P. Silva e Jane Beltrão, com participação de professores da UFPA e da UFRJ, articulados com o Núcleo de Ensino e Pesquisa em Bioantropologia. Os projetos, ambos financiados pelo CNPq até 2009, investigaram como as condições sociais, econômicas, políticas e ambientais influenciam os processos de adoecimento e percepção sobre doenças em populações quilombolas e ribeirinhas do Pará.

Inicialmente o grupo se articulou para a criação de um mestrado e doutorado em Bioantropologia, que não foi adiante, pois a PROPESP entendeu que não havia demanda suficiente. A partir de então surgiu a ideia de criar um programa de antropologia dos quatro campos, que foi levado adiante principalmente pelos professores Jane Beltrão, Hilton Silva e por mim, com apoio dos professores Sidney Santos e Ândrea Ribeiro dos Santos. Logo outros professores se juntaram à proposta, como os Profs. Márcia Bezerra, Flávio Leonel, Cristina Donza Cancela, Edna Alencar, Ernani Chaves, Rosa Acevedo, entre outros. Diferentemente de outros programas da universidade, que nasciam dentro de departamentos ou faculdades, nosso programa pautou-se desde o início pela excelência de seu corpo docente, convidando-se professores com produção intelectual reconhecida para integrá-lo.

A Amazônia é a região do planeta onde se encontra a maior riqueza em biodiversidade e uma enorme riqueza em termos de sociodiversidade. Representa uma das últimas fronteiras para o desenvolvimento, que tem ocorrido, de modo geral, por meio de ocupação econômica desordenada, causando a devastação acelerada de ambientes naturais da região. Por outro lado, apenas uma pequena fração da diversidade biológica e cultural existente na Amazônia tem sido investigada do ponto de vista científico. O fato pode ser atribuído em parte às dificuldades de

acesso e infraestrutura regional, o que tem implicado em grande isolamento, sobretudo pela reduzida disponibilidade de pesquisadores habilitados para fazer face às demandas de pesquisas no campo das Ciências Sociais e Biomédicas na região. Portanto, a formação de pessoal na Amazônia, como tem proposto o *Programa de Pós-Graduação em Antropologia*, voltado aos quatro campos da disciplina é estratégico e crucial, pois contribui para o engajamento privilegiado de profissionais da própria região.

O PPGA nasceu sob o signo do debate acerca da interdisciplinaridade em Antropologia, refletindo sobre a teoria e prática antropológica e concebendo maneiras de diminuir as fronteiras entre as diversas subdisciplinas da Antropologia na pesquisa, ensino e extensão dentro e fora da Universidade.

Mesmo antes do programa estar consolidado, realizamos em 2008 o primeiro *Antropologia em Foco*, que teve como objetivo reunir profissionais de várias partes do país e do exterior para debater a proposta do programa nos quatro campos. Estiveram presentes no evento *William Balée, Michael Heckenberger, Denny Moore, Francisco Salzano, Fabíola Silva, Ricardo Ventura dos Santos*, entre outros. Nessa mesma ocasião foi lançada a *Amazônica, Revista de Antropologia*, destinada a debater os quatro campos do conhecimento antropológico, trazendo os resultados das últimas pesquisas na área na região Amazônica.

Belém, 08 de setembro de 2017.